

De Passagem: A Vida na Plataforma¹

Lis Claudia FERREIRA²

Ana Paula MIRA³

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Produzido como Trabalho de Conclusão de Curso, a obra mostra, em uma série de crônicas jornalísticas, histórias e experiências de brasileiros desconhecidos da grande mídia, que passam pelo Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo. Por meio desse recorte, o trabalho busca entender a sociedade pós-moderna e gerar questionamento e reflexão sobre seu funcionamento. Visando ao equilíbrio entre a objetividade necessária ao jornalismo e à humanização e à democratização do processo informativo, o trabalho apresenta as narrativas com texto leve e linguagem coloquial. Para a escolha dos personagens, a rotina do Terminal Rodoviário do Tietê foi observada no período de dez meses. A seleção das histórias que compõem o livro considerou o sentido do trânsito dos usuários do terminal e as representações da sociedade pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: viagem; crônica; sociedade; pós-modernidade; Terminal do Tietê.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Jornalismo Literário e/ou opinião (conjunto e série).

² Aluna formada em 2015 no Curso Comunicação Social – Hab. em Jornalismo, email: lisclaudiaf@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Hab. em Jornalismo, email: anapmira@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Um dos conceitos básicos sobre o jornalismo diz que o profissional dessa área é, da forma mais simples e genérica, um contador de histórias. Porém, essas narrativas se tornam cada vez mais superficiais e diminutas por conta da necessidade do mercado e da quantidade de demandas diárias. Para se opor à escassez de detalhes gerada pela constante busca por objetividade nas histórias contadas pelo jornalismo diário, este produto, vinculado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, é uma série de crônicas jornalísticas, que relata experiências vividas por pessoas que passam pelo maior terminal rodoviário do país, o Terminal do Tietê.

Ao trazer à luz narrativas de pessoas comuns que não são próximas geográfica e/ou socialmente, mas que têm suas histórias ligadas pela passagem no Terminal Rodoviário do Tietê, o trabalho contribui com a função social do jornalismo, preocupando-se em apresentar as experiências vividas como forma de dar voz a pessoas anônimas e tornar possível a identificação de outros que, porventura, possam se enxergar nessas histórias.

2 OBJETIVO

Na busca por profundidade, a pesquisa procurou descobrir de que forma histórias e experiências de pessoas comuns poderiam se tornar produto informativo. O objetivo principal do trabalho de pesquisa foi a geração de reflexão e questionamento sobre a sociedade moderna e seus variados modelos humanos, utilizando, para isso, crônicas jornalísticas que oferecessem possibilidade de identificação entre diferentes indivíduos.

3 JUSTIFICATIVA

O jornalismo diário no Brasil geralmente limita-se a uma narrativa objetiva dos fatos, sem aprofundar-se nas questões mais subjetivas da história que deseja contar. Pena (2005) declara que a busca por objetividade surgiu não como oposição à subjetividade, mas como um reconhecimento de que “os fatos são construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, e interesses pessoais ou organizacionais” (PENA, 2005, p. 50). Porém, geralmente a subjetividade é vista como um vilão do jornalismo de qualidade. Na busca por uma objetividade extrema, o próprio jornalista permanece distante da notícia, assumindo uma posição “à margem” do ocorrido.

Embora essa busca por objetividade e imparcialidade seja importante para a produção factual de notícias, ela faz com que o jornalista se distancie cada vez mais do seu papel de “contador de histórias” que, ao se aproximar do personagem, é capaz de enxergar, também, fatores subjetivos como lembranças, sensações e sentimentos.

Seguindo o processo mecanizado de produção da notícia, a escolha das fontes também apresenta um padrão que “engessa” o jornalismo diário. Ao falar sobre o assunto, Fonseca e Simões (2011) mencionam a constante busca pelas “fontes padrão”, como um impedimento para que vozes dissonantes sejam ouvidas. Quando o jornalismo caminha na contramão desse processo e ouve as “fontes comuns”, exerce o valor-notícia da personalização, que é definido por Traquina (2005) da seguinte forma:

[...] quanto mais personalizado é o acontecimento, mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação do acontecimento em termos “negativo” ou “positivo”. Por personalizar, entendemos valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: valorizar o fator pessoa. Bensman e Lilienfield escrevem que a personalização da notícia permite ao jornalista comunicar a um nível em que um vasto público composto por não profissionais é capaz de entender (TRAQUINA, 2005, p. 92).

Dessa forma, as histórias e experiências de personagens anônimos do Terminal Rodoviário do Tietê podem gerar identificação em pessoas que nunca passaram por esse espaço, mas que se enxergam em algum detalhe da vida desses anônimos, ou percebem o quão distante estão da realidade desses personagens.

Sendo o Terminal Rodoviário do Tietê uma espécie de representação da pluralidade urbana e da sociedade pós-moderna, descrita por Bauman (2001) como fluída e transitória, a narrativa da vida que por ele passa estimula o uso de um gênero mais livre. Segundo Sales (2010), em meio a um “emaranhado de existências humanas”, a crônica jornalística representa um dos gêneros com maior capacidade de emocionar e despertar para a reflexão (SALES, 2010, p. 14). Trata-se, conforme defende Melo (2003), de um texto opinativo, mas que se baseia na realidade a que uma sociedade está exposta.

Por seu caráter cotidiano, a crônica jornalística mostra-se como uma alternativa à produção de notícias factuais. Embora seja ligada a um tempo específico (daí a origem de seu nome), ao relatar fatos comuns do dia a dia, a crônica é capaz de alcançar indivíduos que porventura possuam uma realidade semelhante. Além disso, a crônica jornalística tem a capacidade de “desnudar” a sociedade, mostrando as mazelas, injustiças e desigualdades,

assim como as características positivas dessa comunidade. Esse conhecimento sobre si mesma faz com que a sociedade caminhe em direção às mudanças necessárias.

Ao mencionar o uso da linguagem coloquial na produção da crônica, Portella (1958, p. 116 *apud* GARCIA, 2014, p. 233) declara que a ela só é capaz de mostrar o cotidiano das cidades brasileiras, quando reproduz o discurso próprio das cidades, utilizando os recursos da oralidade:

Porque a língua da crônica é a língua da cidade. E a língua da cidade, ou das cidades, é a que mais se aproxima, do que se quer que seja a língua brasileira. [...] E a língua da cidade é dinâmica, é movimento: é a própria vida da cidade (PORTELLA, 1958, p. 116 *apud* GARCIA, 2014, p. 233).

Portanto, além de possuir um potencial narrativo que, por meio das técnicas do jornalismo literário, se aproxima do personagem e do leitor, diferentemente do jornalismo factual, a crônica não apenas informa, mas, conforme explica o cronista Affonso de Sant’Anna (2013), possui em si mesma a intenção de estudar a sociedade e fazer com que ela também se compreenda e, conseqüentemente, se modifique.

É importante observar que a crônica jornalística não substitui as notícias factuais ou as grandes reportagens, mas amplia o conhecimento sobre os fatos ao ressaltar detalhes que geralmente não seriam mostrados no jornalismo padrão. A imprensa divulga constantemente notícias sobre o Terminal do Tietê. O jornalismo diário fala sobre a grande quantidade de pessoas, por exemplo, mas não conta as experiências dessas pessoas. Os leitores sabem das filas, porém não conhecem as histórias que levaram tantos passageiros ao terminal. A crônica jornalística atua, então, como uma espécie de lupa, ampliando os fatos cotidianos e dando visibilidade às histórias comuns que se cruzam no Terminal Rodoviário do Tietê.

Inaugurado em maio de 1982, o Terminal do Tietê, cujo nome oficial é Terminal Rodoviário Governador Carvalho Pinto, é considerado o maior do país. De acordo com dados divulgados pela Socicam, empresa que administra o terminal, a estimativa de circulação de passageiros é de cerca de 30 milhões de pessoas por ano⁴. Esse espaço oferece uma amostra da sociedade pós-moderna que, de acordo com Bauman (2001), tem suas relações, hábitos de consumo, expectativas e nível de satisfação pessoal determinados pela efemeridade de um momento.

⁴ SOCICAM.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para alcançar o objetivo desse trabalho, se fez necessário um amplo estudo sobre as características da sociedade contemporânea. Segundo Bauman (2001) a sociedade do século XXI é a sociedade da instantaneidade. Tempo e espaço possuem significados e importância diferentes do que possuíam nas gerações anteriores.

As mudanças ocorridas no mercado, nas relações e no modo de vida dessa sociedade são significativas, porém, não definitivas. A efervescência que modificou a vida moderna no fim do século XX permanece em atividade e transforma a sociedade globalizada, dia a dia. Por essa característica fluída e transitória, Bauman (2001) chama esse momento de “Modernidade Líquida”. A pesquisa buscou, então, identificar durante as entrevistas, as características comuns à modernidade líquida e, com isso, gerar reflexão sobre a influência do consciente coletivo na vida do indivíduo. Essa análise permite uma compreensão maior sobre os acontecimentos da sociedade contemporânea.

Para a realização das entrevistas, optou-se pelo uso da entrevista aberta, chamada por Medina (2001, p. 6) de “entrevista compreensiva”. Segundo a autora, a entrevista deve ser um diálogo no qual entrevistador e entrevistado se relacionem de forma que o resultado gere identificação com a condição humana exposta:

Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, três envolvidos (fonte de informação – repórter – receptor) se interligam numa única *vivência*. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações (MEDINA, 2001, p. 6).

Esse método possui, então, as mesmas características da entrevista defendida por Brum, quando fala sobre o “bom jornalismo” (BRUM, 2010, p. 76). Para as duas autoras, ao ouvir a história de alguém, o entrevistador deve enxergar a condição humana dessa pessoa, não tratando a entrevista como simples levantamento de dados.

Sendo a crônica jornalística considerada um gênero híbrido (nascido da junção entre jornalismo e literatura), a técnica textual utilizada para a construção de cada crônica foi a do jornalismo literário. Técnicas do Novo Jornalismo, como ponto de vista (variação entre primeira e terceira pessoa), registro fiel dos traços do cotidiano, construção cena a cena (narração minuciosa da história) e registro integral dos diálogos (LIMA, 2004) também foram amplamente utilizados. Portanto, a linguagem utilizada no trabalho combina

elementos do jornalismo literário e do novo jornalismo com a linguagem do cotidiano dos personagens entrevistados e dos leitores.

É importante observar que, apesar de ser uma junção entre informação e entretenimento, o jornalismo literário não busca substituir o método da produção factual de notícias, mas aprofundar-se nesses acontecimentos, buscando meios de melhorar o processo do fazer jornalístico, conforme discorre Pena (2006):

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba construindo novas estratégias profissionais. Os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 13 e 14).

O jornalista busca, então, por meio do texto literário, mostrar detalhes não alcançados pelo jornalismo diário, narrando o fato considerando fatores geralmente deixados de lado em nome da objetividade: “É preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p. 15). Dessa forma, as técnicas do jornalismo literário mostraram-se as mais indicadas para a narração de histórias de personagens desconhecidos do Terminal Rodoviário do Tietê.

As pesquisas de campo (entrevistas) foram feitas em seis visitas realizadas entre dezembro de 2014 e setembro de 2015. Buscou-se observar o Terminal Rodoviário do Tietê em dias de grande e pequeno fluxo, para que, dessa forma, o resultado não fosse influenciado pelos feriados ou datas próximas às férias.

Buscando não limitar as escolhas de personagens, a abordagem foi realizada sempre de maneira aleatória, considerando, apenas, se o usuário estava embarcando ou desembarcando. Muitas solicitações de entrevistas foram negadas e algumas não foram profundas o suficiente para serem transformadas em uma crônica.

Para o registro das informações, foi usado gravador de áudio. Nos casos nos quais o uso do aparelho comprometeria o resultado da entrevista (por deixar o entrevistado desconfortável), ele foi dispensado e substituído por anotações.

Alguns personagens autorizaram o uso de sua história, porém, solicitaram que seus nomes fossem ocultados. Nesses casos, o nome do personagem foi alterado por um fictício.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A publicação ocorreu por meio eletrônico com intervalo de dez dias entre cada uma das partes que compõem a série. As crônicas foram agrupadas de acordo com o sentido do trajeto de cada personagem, ficando divididas em três partes:

1. Os que permanecem: Possui seis crônicas que narram as histórias de personagens que não estão em deslocamento para outras cidades, mas, por algum motivo, utilizam o Terminal Rodoviário do Tietê. Esse bloco contém, ainda, narrativas que falam sobre o próprio terminal.
2. Os que chegam: Com sete crônicas, apresenta as histórias de personagens que estão desembarcando em São Paulo.
3. Os que vão: Possui nove crônicas e conta as histórias dos personagens que estão deixando a cidade de São Paulo.

A família tipográfica selecionada para a composição das crônicas é a “Times New Roman”, fonte serifada, pertencente ao Estilo Antigo. Esse estilo é o mais indicado para a produção de textos longos, pois possui boa legibilidade. Para estabelecer uma relação tipográfica contrastante, que destaca uma informação em meio a um texto longo, a família tipográfica utilizada nos títulos de cada crônica foi a “Courier New”, que possui serifa egípcia.

6 CONSIDERAÇÕES

Durante as entrevistas, pôde-se observar que o padrão estabelecido pela imprensa tradicional na escolha de pautas é aceito e valorizado pela maior parte da sociedade. Embora o cidadão comum não saiba quais são os critérios de noticiabilidade utilizados pela grande imprensa, ele endossa a forma como o jornalismo cria a hierarquização das notícias. Por não enxergarem que suas experiências poderiam ser transformadas em informação, muitos indivíduos demonstraram desconfiança quanto à intenção do jornalista. Foi comum o questionamento sobre o tipo de contribuição que histórias cotidianas podem oferecer à disseminação de informação. Além disso, percebeu-se que muitas pessoas se envergonham

de sua situação financeira, grau de instrução ou estrutura social e, por isso, não desejam a exposição na mídia.

Concluiu-se que a multiplicidade das histórias cotidianas reflete os acontecimentos constantemente noticiados pela imprensa tradicional. A situação econômica do país e a desigualdade social, por exemplo, são facilmente notadas na observação das narrativas cujos personagens não possuem emprego ou moradia. Dessa forma, comprovou-se o proposto inicialmente por esse trabalho: é possível transformar experiências pessoais de cidadãos comuns em produto informativo e reflexivo. Por meio dessas narrativas, observam-se as consequências que os grandes fatos, constantemente citados pelo jornalismo diário, geram na vida da população.

Paralelamente, ao analisar a vida e a experiência de indivíduos que utilizam um espaço como o Terminal Rodoviário do Tietê, puderam-se identificar facilmente as características da modernidade líquida. A busca por instantaneidade (e conseqüente desprezo pela espera), valorização da tecnologia e do efêmero, constante deslocamento, rompimento com as tradições herdadas e busca por realização pessoal, acima dos interesses coletivos, estão presentes nas histórias narradas.

Uma das intenções do trabalho era gerar na sociedade, reflexão e, conseqüentemente, desejo por mudança. Apesar de representar apenas um recorte do alcance do trabalho, a experiência do próprio jornalista é prova de que, por meio da identificação ou distanciamento das situações vivenciadas por outras pessoas, é possível o enriquecimento do senso crítico e da empatia, que impulsionam a busca por evolução.

Quando as mesmas situações são divulgadas constantemente pela imprensa, não há espaço para dissonância de vozes. Ao apresentar experiências de pessoas que vivem realidades e dramas comuns, mas não simples, o produto desse Trabalho de Conclusão de Curso faz com que os leitores discutam tanto as questões que os atingem diretamente, quanto as que não se aproximam de sua realidade, mas apontam para falhas ou acertos no funcionamento da sociedade na qual estão inseridos.

Conclui-se que a imprensa pode, então, caminhar na contramão do padrão individualista que tem se criado na sociedade pós-moderna. Ao invés de reforçá-lo por meio do incentivo ao consumo de notícias industrialmente apuradas e criadas, o jornalismo pode oferecer informação de maneira mais humana e democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRUM, Eliane. Jornalismo literário: grandes reportagens. **Caderno Literário SESC: Literatura e Jornalismo**, Curitiba, p. 74 – 97, 2010.

FONSECA, Isabel de A., SIMÕES, Paula G. **Alteridade no jornalismo**: um mergulho nas histórias de vida do livro “A vida que ninguém vê”, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0523-1.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2015.

GARCIA, Luis E. V. A filosofia do cotidiano na crônica brasileira. **Verso e Reverso**: Revista da Comunicação. São Leopoldo, v.28, n.69, p. 230 – 236, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.69.09>>. Acesso em: 16 out. 2015.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3ª ed. Barueri: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2001.

MELO, José M. de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª edição. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SALES, Antônia E. S. **Cidade e cotidiano nas crônicas de Rachel de Queiróz**, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1706-1.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2015.

SANT’ANNA, Affonso R. de. **O cronista olha pelo buraco da fechadura**. Cândido, Curitiba, nº 19, fev. 2013. p. 26-29. Entrevistador: Marcio Renato dos Santos. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/arquivos/File/Candido19_OKgrafica.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2015.

SOCICAM. **Terminal Rodoviário Tietê.** On *line*. Disponível em: <http://www.socicam.com.br/terminais/terminais_rodoviaros/tiete>. Acesso em: 22 maio 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2ª edição. Florianópolis: Insular, 2005.